

OS SACRAMENTOS DA SALVAÇÃO

No dia do Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja foi manifestada ao mundo (*Sacrosantum Concilium*, 6). O dom do Espírito Santo inaugura o tempo da Igreja. O tempo em que Jesus Cristo Ressuscitado continua a sua presença e comunica a obra de salvação pela liturgia da sua Igreja, «até que Ele venha» (*1 Cor 11, 26*).

Durante este tempo, Cristo vive e age, na sua Igreja através dos sacramentos, que a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama «economia sacramental». Esta consiste na comunicação (ou «dispensação») dos frutos do mistério pascal de Cristo na celebração da liturgia «sacramental» da Igreja (*Catecismo*, 1076)

Jesus sacramento do Pai

Pelo Mistério da Encarnação, Jesus, o Filho de Deus assumiu a natureza humana, para revelar com palavras e obras a Misericórdia do Pai. Enviado pelo Pai, as sua palavra e obras são gestos *sacramentais*, expressão visível do Pai do Pai invisível. Jesus revela o Mistério escondido por séculos no coração de Deus. Jesus é o Sacramento fundamental, que atua a salvação através da Igreja, a qual a realiza na história, através dos sacramentos. O Mistério da Encarnação revela que o Sacramento existe, ainda antes, que qualquer outro sacramento seja instituído: Jesus é o sacramento fundamental porque, em palavras e obras, realizou a redenção da humanidade e revelou o amor do pai celeste.

Esta reflexão deve libertar-nos da preocupação de encontrar a origem exata deste ou daquele sacramento, isto é, quando é que Jesus instituiu este ou aquele sacramento e não encontramos a resposta. Mas quando compreendemos que Jesus, pelo Mistério da Encarnação, é o *sacramento fundamental* e que, a própria Igreja, sendo o prolongamento na história do Mistério de Cristo, é *sacramento de Cristo*, que nela atua, através dos sacramentos, ficamos tranquilos e esclarecidos, perante o “sistema” sacramental que a Igreja nos propõe.

Jesus é “Sacramento do Pai” invisível em todos os momentos da sua existência, inclusive com a sua morte e ressurreição: «*que Me vê, vê o Pai*» (Jo 14, 7-14)

A Igreja sacramento de Cristo

747. O Espírito Santo, que Cristo-cabeça derrama sobre os seus membros, constrói, anima e santifica a Igreja. Ela é o sacramento da comunhão da Santíssima Trindade para com os homens.

“A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (LG 1)

A Igreja nasceu no dia de Pentecostes com a vinda do Espírito Santo. A ação de Jesus continua na Igreja pela ação do Espírito Santo. O Espírito assegura a continuidade. Ele é a memória de Cristo. É a ação do Espírito Santo que faz da Igreja Sacramento de Cristo. Assim, Jesus é o Sacramento do Pai invisível. A Igreja, pelo Espírito Santo, o Sacramento da salvação em Cristo.

O mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação. O Senhor Jesus deu início à Sua Igreja pregando a boa nova do advento do Reino de Deus prometido desde há séculos nas Escrituras: «cumpriu-se o tempo, o Reino de Deus está próximo» (Mc. 1,15; cfr. Mt. 4,17). (LG 5)

O Catecismo da Igreja Católica afirma:

775 «*A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (Lumen Gentium 1).*

A Igreja é «sacramento da *união íntima do homem com Deus*».

776. Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo: «assumida por Ele como instrumento da redenção universal» (*Lumen Gentium, 1*), «sacramento universal da salvação» (*Lumen Gentium, 9*), o mesmo Cristo nela se «manifesta e simultaneamente atualiza o mistério do amor de Deus pelos homens» (*Lumen Gentium, 48*). Na Igreja realiza-se o «projeto visível do amor de Deus para com a humanidade» (*Gaudium et Spes, 45*), para «que todo o género humano forme um só povo de Deus, se una num só Corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo» (*Lumen Gentium, 17*).

1116. Os sacramentos «forças que saem» do corpo de Cristo (Cf. Lc 5,17; 6,9; 8,6), sempre vivo e vivificante: ações do Espírito Santo que opera no seu Corpo que é a Igreja, «obras-primas de Deus», na nova e eterna Aliança.

As palavras e as ações da vida de Jesus - da sua vida oculta e do seu ministério público – são eventos salvíficos que, de qualquer forma, antecipam o Mistério Pascal. São eventos que anunciam e preparam a missão da Igreja. Os mistérios da vida de Cristo são os fundamentos do que, de ora em diante, pelos ministros da sua Igreja, Cristo dispensa nos sacramentos, porque «o que no nosso Salvador era visível, passou para os seus mistérios» (São Leão Magno, Sermão 74).

A Igreja-Sacramento assegura que a obra salvadora de Jesus de Nazaré continua em todos os tempos e lugares, através da Palavra e dos sacramentos. A Igreja é sacramento não apenas em alguns dos seus atos, mas em tudo o que ela faz, mas, se torna mais explícita, na celebração dos sacramentos que são tempos fortes da manifestação do poder salvador de Cristo.¹

A presença de Cristo na Liturgia

1088. Para realizar a grande obra da salvação, «Cristo está sempre presente na sua igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro, quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza, como Ele prometeu: *"Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou Eu, no meio deles"* (Mt 18, 20)».

Jesus realizou a salvação, com palavras e ações e, sobretudo, com a sua morte e ressurreição. A sua vida oculta em Nazaré, o seu ministério público são eventos salvíficos e culminam no mistério pascal. A Igreja celebra-os na Liturgia, atualizando a obra da salvação.

Na Liturgia da Igreja, isto é, na Santa Missa e nos outros sacramentos, Cristo significa e realiza o Seu Mistério Pascal. «Uma vez chegada a sua "Hora" (cf. Jo 13, 1; 17, 1.), Jesus vive o único acontecimento da história que não passará jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-se à direita do Pai "uma vez por todas" (Rm 6, 10; Heb 7, 27; 9, 12).

Jesus Cristo é um acontecimento real, ocorrido na nossa história. Um acontecimento único porque os outros acontecimentos da história passam, devorados pelo passado, mas o Mistério pascal de Cristo não fica somente no passado porque Ele, pela sua morte, destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e, assim, transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece e atrai tudo para a vida*» (Catecismo, 1085).

¹ Cf. Filipe Ferlay, Manual da Fé Católica, Edições Paulistas, 1986, pp. 195-201

«Em Cristo realizou-se plenamente a nossa reconciliação e deu-se-nos a plenitude do culto divino (...) principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão» [3]

A ação de Cristo na Liturgia e nos sacramentos

O Catecismo da Igreja Católica (n. 1086), cita a *Constituição Sacrosantum Concilio e afirma:*

«Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra da salvação que anunciavam, mediante o Sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica» (Jo 13, 1; 17,1).

1087. Deste modo, Cristo ressuscitado, ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos, confia-lhes o seu poder de santificação (Jo 20, 21-23), por isso, eles tornam-se sinais sacramentais de Cristo. Pelo poder do mesmo Espírito Santo, os Apóstolos confiam este poder aos seus sucessores. Esta «sucessão apostólica» estrutura toda a vida litúrgica da Igreja: ela própria é sacramental, transmitida pelo sacramento da Ordem.

A Liturgia celebra o Mistério de Cristo e atua a obra da Redenção (*Catecismo*, 1068).

«Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, através dos sinais sensíveis, que significam e realizam, cada um à sua maneira, a santificação dos homens; a Igreja, - Corpo Místico de Jesus Cristo - presta a Deus o culto público integral» (*Catecismo*, 1070).

A Liturgia é obra de Cristo Sacerdote e do Seu Corpo, que é a Igreja e «Qualquer celebração litúrgica da Igreja gravita em torno do sacrifício eucarístico e dos sacramentos» (*Catecismo*, 1113).

«Sentado à direita do Pai, e derramando o Espírito Santo sobre o seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, que instituiu para comunicar a sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo» (*Catecismo*, 1084).

Os sacramentos: natureza, origem e número

«Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis, com os quais são celebrados, significam e realizam as graças próprias de cada sacramento» (*Catecismo*, 1131).

«Toda a vida litúrgica da Igreja gravita em torno do sacrifício eucarístico e dos sacramentos. Há na Igreja sete sacramentos: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Penitência, Unção dos enfermos, Ordem e Matrimônio» (*Catecismo*, 1113, 1210, 1211).

«Os sete sacramentos tocam todas as etapas e momentos importantes da vida do cristão: outorgam nascimento e crescimento, cura e missão, à vida de fé dos cristãos. Há aqui uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual» (*Catecismo*, 1210).²

Os sacramentos significam três coisas:

- a *causa* santificante, que é a Morte e Ressurreição de Cristo;
- o *efeito* santificante ou graça;
- e o *fim* da santificação: a glória eterna.

Os sacramentos da fé

1123. «Os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do corpo de Cristo e, por fim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos *da fé*» (SC 69).

1124. A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é chamado a aderir a ela. Quando a Igreja celebra os sacramentos, confessa a fé recebida dos Apóstolos. Daí o adágio antigo: «*Lex orandi, lex credendi* – A lei da oração é a lei da fé». A lei da oração é a lei da fé, a Igreja crê conforme reza. A liturgia é um elemento constitutivo da Tradição santa e viva (DV 8).

² São Tomás de Aquino, *Summa Theologie*, 3, q. 65, a. 1, c.

Quanto à eficácia dos sacramentos

127. Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam (Concílio de Trento, DS 246). Eles são *eficazes*, porque neles é o próprio Cristo que opera: é Ele que batiza, é Ele que age nos sacramentos para comunicar a graça que o sacramento significa.

1128. Os sacramentos atuam *ex opere operato*, isto é, «pelo próprio facto de a ação ser executada» (Concílio de Trento, DS 1605) quer dizer, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Segue-se daí que «o sacramento não é realizado pela justiça do homem que o dá ou que o recebe, mas pelo poder de Deus» (Summa Th, 3, q. 68, a. 8).

Desde que um sacramento é celebrado conforme a intenção da Igreja, o poder de Cristo e do seu Espírito atua nele e através dele, independentemente da santidade pessoal do ministro. No entanto, os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem os recebe.

Quanto à finalidade: são ordenados à vida eterna.

1130. A Igreja celebra o mistério do seu Senhor «até que Ele venha» e «Deus seja tudo em todos» (1 Cor 11, 26; 15, 28). Desde a era Apostólica, a liturgia é atraída para o seu termo pelo gemido do Espírito na Igreja: «*Marana tha!*» (1 Cor 16, 22). A liturgia participa, assim, no desejo de Jesus: «Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa [...], até que ela se realize plenamente no Reino de Deus» (Lc 22, 15-16).

Nos sacramentos de Cristo, a Igreja recebe já as arras da sua herança e já participa na vida eterna, embora «*aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória dos nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo*» (Tt 2, 13). «O Espírito e a esposa dizem: "Vem!" [...] «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 17.20).

São Tomás de Aquino define assim as diferentes dimensões do sinal sacramental: *o sacramento é sinal rememorativo daquilo que o precedeu, ou seja, da paixão de Cristo; e demonstrativo daquilo que em nós a paixão de Cristo realiza, ou seja, da graça; e prognóstico, quer dizer, que anuncia de antemão a glória futura*» (Summa Th, 3, q. 60, a. 3 c).

Quanto ao sinal sacramental.

Cada sacramento, é constituído por coisas (ou elementos materiais): água, azeite, pão, vinho – e gestos humanos – ablução, unção, imposição das mãos, etc.), que se chamam *matéria*; e também por palavras que o ministro pronuncia, que são chamadas *forma*.

Quanto à realidade espiritual.

«Cada celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com o seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo. Tal encontro exprime-se como um diálogo, através de ações e de palavras» (Catecismo, 1153).

Quanto à celebração

Existe em cada sacramento uma parte imutável (o rito essencial) que o próprio Cristo estabeleceu, e outras partes (ritos explicativos que a Igreja pode mudar, afim de adaptar os ritos às circunstâncias de lugar e de tempo. Embora, «Nenhum rito sacramental pode ser modificado ou manipulado ao arbítrio do ministro ou da comunidade» (Catecismo, 1125).

Quanto aos efeitos

Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam. São eficazes, porque neles é o próprio Cristo que opera: é Ele que batiza, é Ele que atua nos sacramentos para comunicar a graça que o sacramento significa (Catecismo 1127).

Quanto à eficácia

Os sacramentos actuam *ex opera operato*, (pelo próprio fato de a ação ser executada), quer dizer, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Segue-se daí que o sacramento não é realizado pela justiça do homem que o dá ou que o recebe, mas pelo poder de Deus. Desde que um sacramento é celebrado conforme a intenção da Igreja, o poder de Cristo e do seu Espírito age nele e por ele, independentemente da santidade pessoal do ministro. No entanto, os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem os recebe. (Catecismo, 1128)

Quanto à necessidade

1129. A Igreja afirma que, para os crentes, os sacramentos da Nova Aliança são *necessários para a salvação*. A «graça sacramental» é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e própria de cada sacramento. O Espírito cura e transforma aqueles que O recebem, conformando-os

com o Filho de Deus. O fruto da vida sacramental é que o Espírito de adoção deifique os fiéis, unindo-os vitalmente ao Filho único, o Salvador. (Catecismo, 1129)

Uma vez que o Espírito Santo é a unção de Cristo, é Cristo, a Cabeça do corpo, quem O derrama nos seus membros para os alimentar, os curar, os organizar nas suas mútuas funções, os vivificar, os enviar a dar testemunho, os associar à sua oferta ao Pai e à sua intercessão pelo mundo inteiro. (Catecismo, 739)

Os três sacramentos que conferem o caráter

O Batismo, Confirmação e Ordem conferem, além da graça, um *caráter* sacramental, ou “selo” pelo qual o cristão participa do sacerdócio de Cristo e faz parte da Igreja segundo os diversos estados e funções. (cf. *Catecismo*, 1121) O *caráter* sacramental é um dom do Espírito Santo *indelével* que permanece para sempre no cristão como disposição positiva para a graça, como promessa e garantia da proteção divina e como vocação para o culto divino e serviço da Igreja. Por conseguinte, estes três sacramentos só se recebem uma vez, e não podem ser reiterados.

Os sacramentos que Cristo confiou à sua Igreja são necessários – pelo menos o seu desejo – para a salvação, para alcançar a graça santificante, e nenhum é supérfluo, embora nem todos sejam necessários para todas as pessoas.

Quanto ao lugar dos Sacramentos na obra da Salvação

Os sacramentos são os meios, instituídos por Cristo, para realizar a salvação. Isto não significa que sem sacramentos não haja salvação. Deus pode salvar os homens mesmo sem sacramentos, mas esta é uma consideração secundária, porque ninguém poderá ser salvo sem Jesus Cristo. Jesus Cristo é, de fato, o único mediador da salvação e Ele atua na Igreja, através da Palavra e dos sacramentos.

O que é importante para nós é o seguinte: afirmar que os sacramentos têm uma função particular e própria na economia da salvação. Através deles, Jesús continua a atuar na Sua Igreja e atualiza a obra da salvação. Os sacramentos são *sinais eficazes da graça* porque realizam o que significam, em virtude da morte e ressurreição de Cristo. Através dos sacramentos, o passado torna-se presente e Cristo, pelo ministério da Igreja, atua a salvação em todos os tempos e lugares.

A Igreja é instrumento da salvação porque prolonga na história o “Mistério” de Cristo. Unida a Cristo, também a Igreja é Mistério, é sacramento universal da salvação. A Igreja celebra os sacramentos, os instrumentos «comum» para os homens aceder à salvação. A salvação

realiza-se através de Jesus Cristo, causa principal, meritória e eficiente da salvação; a Igreja e os sacramentos são instrumentos relativos a Cristo; sem essa relação com Cristo não seriam eficazes³.

Os Sacramentos são sinais eficaz da graça.

Entre os vários aspetos que podem ser enfatizados, o principal é o seguinte: *os sacramentos são sinais eficazes de graça*. Como «sinais», significam a graça; e são «eficazes» porque realizam o que significam, isto é, a graça da salvação.

Jesus Cristo, sacramento universal da salvação, a Igreja, sacramento de Cristo, ao longo da história

O Concílio de Trento aplicou a palavra «sacramento» aos sete ritos. No entanto, a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja, desde os primeiros séculos, aplicavam a palavra «sacramento» a Jesus Cristo e à Igreja.

A Constituição dogmática Lumen Gentium segue o mesmo critério quando aplica a palavra Mistério-Sacramento a Cristo e a Igreja. Isto não significa que a Igreja seja um oitavo sacramento, mas que é a mediadora da salvação. Cristo é o «principal sacramento», a Igreja é o «sacramento derivado» e os sacramentos são os «instrumentos» que mediam a ação de Cristo através da Igreja para nós hoje.

Quanto à palavra “sacramento”

A palavra latina «*sacramentum*» aparece pela primeira vez na Vulgata e traduz a palavra grega «*mysterion*». Recorre exatamente trinta vezes no Novo Testamento, e tem três significados:

- Deus, infinitamente misterioso, escondido, santo, inacessível.
- A revelação de Deus em Cristo.
- Na Liturgia que celebra os Santos Mistérios

O Apóstolo São Paulo diz:

Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em Seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Seu Amado Filho. (Ef 1, 4-6)

³ S.Th. q. 65 a. 4: Os sacramentos são necessários para a salvação. A necessidade pode ser absoluta (como comida, vida) ou conveniência (como o cavalo para viajar). Isto depende do propósito que se deve alcançar. Então, alguns sacramentos são absolutamente necessários: batismo e a Ordem. Outros são por conveniência. Todos eles, no entanto, são necessários para a salvação.

- Cristo não é um objeto; Ele é o *Mistério*, um *mistério* pessoal. As suas ações e as suas palavras manifestam o *Mistério* que é Ele mesmo.
- Este mistério é anunciado pelos Apóstolos (1Tim 3, 6);
- confiado à Igreja que o transmite e o atualiza;
- através da Liturgia, por isso, a palavra “mistério” é também aplicada ao culto.

Cristo ressuscitado, de fato, não está visivelmente presente, mas continua a viver na Sua Igreja e realiza a obra da salvação através do culto divino. São Leão Magno, no sermão 44, dizia: “*O que era visível no Senhor passou nos mistérios*”; e Santo Ambrósio dirigia-se a Cristo: “*Tu te encontras nos mistérios*”. O *Mistério*, portanto, não é uma doutrina misteriosa, mas uma “presença misteriosa”: Cristo, a Sua ação salvadora, a Sua atuação no culto divino.

A palavra “*Mistério*” sendo aplicada a Cristo e à Igreja tem um significado muito mais amplo do que os sacramentos. Foi São Justino que, pela primeira vez, aplicou a palavra “mistério” ao Batismo e à Eucaristia.⁴ Depois dele, Tertuliano, interpretava as promessas batismais chamando-as “*sacramento*”, no sentido de compromisso ou juramento de fidelidade. Mas foi Santo Agostinho que interpretou a palavra “sacramento” como “sinal sagrado” *signum sacrum* e o aplicou aos sacramentos.

Santo Agostinho afirma que se deve distinguir entre o *signum* e o seu conteúdo *a res*. *Ele dizia:*

O *signum* é tal porque significa alguma coisa, algo de semelhante, que vai além do sinal em si mesmo. Este algo de semelhante torna-se compreensível através das palavras. É a palavra que determina o significado do sinal. Assim, o sinal e a palavra constituem a forma visível do sacramento. É pela palavra que o sinal significa a graça eficaz que realiza. Ele dizia: “*Se tiramos a palavra, o que é a água senão água? Mas se acrescentamos a palavra ao elemento material, torna-se sacramento*”.

Santo Agostinho aplica a palavra “*Mistério*”, de forma geral, aos sacramentos, mas, já na Igreja primitiva existia a convicção que, no ato de celebrar um sacramento, o próprio Espírito Santo atua sobre os elementos materiais, os santifica e lhe confere a força de comunicar a graça santificante. Santo Agostinho foi o primeiro a aplicar a palavra *Mistério* aos sacramentos. Ele representa a fase final de um longo processo evolutivo, a partir dele a reflexão teológica começou a entender os sete ritos como sinais visíveis de graça invisível.

⁴ A tradução latina “*Sacramentum*” tem um significado amplo. Servia para indicar toda a revelação, como misteriosa ação divina, quer na doutrina, quer nos atos e palavras de Deus: a Sagrada Escritura é considerada sacramento; como também, a oração, o catecumenado, a água e o sal bentos, mas, com o passar do tempo, de forma cada vez mais clara, foi aplicada aos sacramentos. (Michele Schmaus, *I Sacramenti*, Marietti 1971, p. 14)